

“Das desventuras de ser doutora”¹: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira

“The Misadventure of Being a Doctorate”: The Legacy of Professor Suely Gomes Costa in Brazilian Postgraduate Studies

Mariana Brito Horta Nogueira²

Isabella Marinho³

LOLE, Ana; LEDIG, Andréa (org.). *À sombra de um ipê amarelo*: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2024. 276p.

Artigo recebido em fevereiro de 2025

Artigo aprovado em fevereiro de 2025

À Sombra de um Ipê AmarElo: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira, coletânea organizada por Ana Lole⁴ e Andréa Ledig⁵ e publicada pela Editora Mórula em 2024, é uma obra que homenageia a grandiosidade da trajetória da professora Suely Gomes Costa (1938-2023), referência no Serviço Social e na formação de novas gerações de profissionais. As organizadoras, ex-orientandas e amigas de Suely, oferecem um olhar próximo e sensível sobre o impacto de sua contribuição acadêmica e pessoal na produção do conhecimento. O título da coletânea faz alusão à canção “AmarElo”, de Emicida, que se inspira no poeta Paulo Leminski,



destacando Suely como o elo entre a produção de conhecimento e de afetos, elo este que uniu todas as envolvidas na obra.

Escrita por diversas mãos, entre colegas de trabalho, companheiras de militância e ex-orientandas, a obra se destaca como um esforço coletivo que reflete a multiplicidade de Suely – assistente social, economista, historiadora, professora, feminista, mãe e amiga. Essa diversidade de facetas é fundamental para compreender a profundidade de sua atuação. Com uma vasta produção no campo das Ciências Sociais, sobretudo nas áreas de Serviço Social e História, Suely se revela uma figura pioneira, visionária e generosa na partilha de saberes.

A coletânea demonstra a contribuição histórica de Suely para o Serviço Social, uma trajetória que se reflete entre outras realizações, na criação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social (PPGPS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), um marco na área. Reconhecida como uma das grandes referências do Movimento de Reconceituação do Serviço Social no Brasil, Suely, com o Documento de Teresópolis, provocou debates significativos na América Latina. Sua atuação se estendeu ao campo da pesquisa, defendendo a articulação entre a História e o Serviço Social, o que abriu caminho para novas gerações questionarem e superarem paradigmas acadêmicos. Suely também foi pioneira ao integrar questões de gênero, raça-etnia e sexualidade na análise da Política Social, conectando as dimensões micro e macro e antecipando o debate interseccional no Serviço Social.

Conforme Rita Freitas destaca em seu convidativo prefácio, Suely foi no PPGPS/UFF “professora e orientadora desde sua primeira turma, apenas se afastando em 2017, quando se desligou de suas atividades acadêmicas” (Freitas, 2024, p. 8), deixando um legado de rigor acadêmico e compromisso político que atravessa gerações. Essa ampla contribuição é evidenciada na organização da coletânea, que se divide em dois grandes atos⁶ – saúde e gênero – refletindo os focos de debate da produção de Suely, o que refletiu em suas orientações nos

dois Programas de Pós-Graduação em que atuou, o de Política Social e o de História, ambos da UFF.

Ao longo de seus onze capítulos, além do prefácio, apresentação e de uma breve biografia das autoras ao final, a obra revela o impacto de Suely em diferentes contextos, com especial enfoque, como já mencionado, em sua atuação pioneira no campo dos estudos de gênero e saúde. Entre os textos, encontram-se memórias e trajetórias de mulheres, experiências nas salas de planejamento familiar, além de discussões sobre filantropia, saúde reprodutiva e a terceira idade, um tema que Suely aprofundou já no final de sua trajetória acadêmica.

O primeiro capítulo, *"O Cebes e a Reforma Sanitária Brasileira sob o olhar de Suely Gomes Costa"*, de Daniela Carvalho Sophia, destaca a valiosa contribuição de Suely nas bancas examinadoras de trabalho de conclusão de curso. A autora trouxe, na íntegra, o parecer que Suely elaborou por ocasião de sua defesa de doutorado na Fiocruz, por entender que se tratava "de uma atual fonte de pesquisa e contribuição à historiografia da saúde pública" (Sophia, 2024, p. 31). Em sua análise, Suely ressalta sua crítica à centralização e mercantilização da saúde, defendendo um modelo inclusivo e acessível a toda população. Destaca que a atuação no Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes) foi decisiva para a formulação de políticas voltadas à ampliação do acesso e à melhoria da qualidade dos serviços de saúde no Brasil.

A discussão apresentada por Monique de Souza Carvalho em *"Das aventuras e desventuras de ser uma mulher vanguarda: a experiência de Suely Gomes Costa no Centro de Saúde de Santa Rosa"* explora a trajetória de Suely no Centro de Saúde Santa Rosa, onde Suely não apenas ampliou o acesso à saúde reprodutiva, mas também incentivou um diálogo mais aberto sobre os direitos reprodutivos das mulheres. Esse texto revela como ela desafiou as normas patriarcais, destacando-se como uma figura vanguardista que promoveu o empoderamento feminino por meio de uma abordagem inovadora na saúde pública.





Ainda no âmbito do planejamento familiar, o capítulo de Ana Lole, *“Masculinidades e saúde reprodutiva: a experiência das salas de planejamento familiar no Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP)”*, descreve o impacto das práticas pioneiras de Suely, que introduziu as salas de planejamento familiar no HUAP, juntamente com a assistente social Leila Guidoreni, com o objetivo de incluir os homens nas discussões sobre contracepção. Ao desafiar estereótipos de gênero, Suely promoveu uma abordagem mais inclusiva sobre saúde sexual e reprodutiva, destacando a importância da responsabilidade compartilhada entre homens e mulheres.

Outro exemplo da interseção entre saúde e gênero está no capítulo de Ana Cristina Bechara Barros Fróes Garcia, que analisa *“O processo de empoderamento de mulheres mastectomizadas em grupos de apoio”*. A autora enfatiza como o apoio biopsicossocial e espiritual contribui para a ressignificação das experiências dessas mulheres, permitindo a reconstrução de suas identidades e auxiliando no enfrentamento do trauma físico e emocional decorrente da mastectomia. Ou seja, em seu empoderamento.

A mediação entre as políticas sociais e o contexto social e internacional é ressaltada em *“Cultura de bem-estar social na agenda da ONU e do CBCISS de 1968-1978”*, de Elisabete Cruvello. Aqui, Suely é descrita como uma mediadora eficaz entre as demandas locais e internacionais, o que evidencia seu papel essencial na adaptação de políticas de bem-estar social para as realidades brasileiras.

A contribuição de Suely para as lutas sociais também é abordada no Ato 1, especialmente no capítulo de Maria Carmen Vilas-Bôas Hacker Alvarenga, *“Os 147% em questão: o movimento dos aposentados no Rio de Janeiro na década de 1990”*. Suely, ao dar voz a essas narrativas por meio da história oral, não só ampliou o debate sobre os direitos da população idosa, mas também destacou o papel ativo dos aposentados e aposentadas na luta por seus direitos sociais.

No Ato 2 sobre gênero, destacam-se os relatos de trajetórias de mulheres que tiveram um impacto significativo no Brasil. O capítulo de Andréa Ledig apresenta estudos biográficos de figuras como Alice Tibiriçá, Pérola Byington e Violeta Campofiorito, que, por meio de suas ações, ajudaram a moldar a percepção pública sobre a filantropia e a proteção social. Liandra Lima Carvalho, por sua vez, nos traz a história de Estela Alves de Vasconcelos, primeira vice-prefeita de Duque de Caxias/RJ, destacando sua atuação pioneira em um cenário dominado por homens e os desafios enfrentados por mulheres na política.

Além dessas trajetórias, ainda no Ato 2, o capítulo de Ana Paula Vossne Martins investiga como a filantropia se relaciona com a construção da feminilidade no Brasil, desafiando as expectativas de gênero. Rosemere Olimpio de Santana, por sua vez, explora as práticas de raptos consentidos na Paraíba, analisando suas implicações culturais e patriarcais. Por fim, Viviane de Oliveira Barbosa discute as desigualdades de gênero no campesinato maranhense, refletindo sobre o impacto do maternalismo nas práticas de trabalho agroextrativistas. Esses dois últimos textos demonstram outra característica da professora Suely Gomes Costa: o rompimento com a perspectiva acadêmica tradicionalmente centrada no eixo Sul e Sudeste, ampliando para além das fronteiras regionais suas análises e contribuições.

A obra, em seu conjunto, tem uma importância histórica, pois revela não apenas os aspectos acadêmicos de Suely, mas também sua atuação radical e transformadora na luta contra as expressões da questão social, integrando teoria e prática militante. Ao longo dos capítulos, Suely se revela uma figura visionária, capaz de interligar diferentes dimensões sociais – como saúde, gênero e políticas sociais – com uma visão crítica que questiona a estrutura social e o poder dominante.

O que se destaca, especialmente, é o olhar atento e cuidadoso sobre as questões de gênero, que têm hoje ganhado mais espaço nas discussões e produções do Serviço Social brasileiro, já abordadas por Suely nas décadas anteriores. A feminilização da filantropia, abordada





por Ana Paula Vosne Martins, e as trajetórias de mulheres, exploradas por Andréa Ledig, mostram como as mulheres, ao longo da história, contribuíram para moldar a percepção pública sobre proteção social e filantropia no Brasil, desafiando a visão tradicional, historicamente dominada por homens.

Compreendemos que esta coletânea é sobretudo, uma celebração do impacto transformador de Suely Gomes Costa no campo acadêmico e na formação de pesquisadoras e profissionais, reafirmando a relevância de suas contribuições para o Serviço Social brasileiro. Ao reunir trabalhos que abordam diversas dimensões de sua produção, a coletânea traz à tona a profundidade de seu pensamento e o alcance de sua influência, oferecendo às leitoras e leitores uma visão abrangente e enriquecedora sobre o legado deixado por essa grande intelectual.

A obra também revela aspectos mais pessoais de Suely, como sua generosidade, acolhimento e habilidade culinária, que contribuíram para criar um ambiente intelectual rico e afetivo junto àquelas com quem partilhou. Esses relatos tornam a leitura mais humana e envolvente, reforçando a ideia de que a memória da professora Suely vai além de sua produção acadêmica.

Suely Gomes Costa, que faleceu em abril de 2023, deixou sementes que brotaram e se espalharam, refletindo-se diretamente nesta coletânea. Recomendamos fortemente a leitura de “*À Sombra de um Ipê AmarElo: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira*”, que honra sua trajetória e oferece contribuições valiosas não apenas para o campo do Serviço Social e da História, em especial, e para as Ciências Sociais, em geral, mas também para todas e todos que discutem e atuam nas áreas de política social, saúde e gênero. A organização e autoria dos capítulos, inteiramente realizados por mulheres ligadas a Suely de alguma forma, são um símbolo de sua capacidade em fortalecer e inspirar novas gerações de profissionais, militantes e acadêmicas que seguem seus passos e preservam seu legado sob *à sombra de um ipê AmarElo*.

Referências

COSTA, Suely Gomes. Das desventuras de ser doutora. **La Manzana de la Discordia**, Colômbia, v. 2, n. 3, p. 55-65, 2007.

FREITAS, Rita de Cássia Santos. Memórias de conversas, aprendizados e gulodices. In: LOLE, Ana; LEDIG, Andréa (org.). **À sombra de um ipê amarelo**: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2024, p. 7-12.

SOPHIA, Daniela Carvalho. O Cebes e a reforma sanitária brasileira sob o olhar de Suely Gomes Costa. In: LOLE, Ana; LEDIG, Andréa (org.). **À sombra de um ipê amarelo**: legado da professora Suely Gomes Costa na pós-graduação brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2024, p. 31-43.

Notas

- 1 O título desta resenha faz alusão ao texto de autoria da professora Suely Gomes Costa, publicado em 2007, em que a professora "destaca tensões e conflitos presentes na demarcação de fronteiras de territórios intelectuais sexualmente diferenciados, diante de decisões e projetos femininos de aprimoramento cultural e de instrução" (Costa, 2007, p. 55).
- 2 Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro preto (UFOP). Mestra e doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pesquisadora no Núcleo de Estudos Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (Trappus/PUC-Rio) e no Núcleo de Extensão e Estudos em Formação e Trabalho em Serviço Social (NEESFT/UFOP), ambos registrados no DGP/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8187-9656> E-mail: maria-nahortaas@gmail.com
- 3 Graduada e mestranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pesquisadora no Núcleo de Estudos Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (Trappus/PUC-Rio), registrado no DGP/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3501-4241> E-mail: isabellamarinho.sl@gmail.com
- 4 Ana Lole é graduada em Serviço Social e mestra em Política Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde foi orientanda de Suely Gomes Costa durante a graduação (O medo de engravidar também é masculino) e no mestrado (Masculinidades e saúde reprodutiva: a experiência da vasectomia). Doutora e pós-doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É professora adjunta e vice-líder do Núcleo de Estudos Trabalho, Políticas Públicas e Serviço Social (Trappus/PUC-Rio). Além disso, coorientou uma tese sobre a trajetória de Suely Gomes Costa e publicou artigos e capítulos de livros sobre sua obra e legado.

- 5 Andréa Ledig é graduada em Serviço Social pela UFF, mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Serviço Social pela UFF, tendo sido orientanda de Suely Gomes Costa durante a graduação (A participação estudantil no movimento de reconceituação do Serviço Social) e no doutorado (Conservadoras ou revolucionárias? Trajetórias femininas, filantropia e proteção social). Atualmente, é pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio e docente na Fundação Severino Sombra, também atua como assistente social nas Prefeituras de São Gonçalo e Niterói.
- 6 Segundo as organizadoras, a escolha do termo “Atos” para nomear os eixos tem como objetivo imprimir aos textos um sentido de movimento, inspirado na leveza com que Suely Gomes Costa conduzia sua trajetória acadêmica e suas orientações.